PORTUGAL (des)continuidades demográficas - Norte e Centro Interior 2011

Portugal demographic - (dis)continuities in 2011- North and Inner Central Regions

Autora: Maria João Guardado Moreira

Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e Investigadora do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE)

mjgmoreira@ipcb.pt

Resumo:

O Portugal que emerge dos dados preliminares do Censo 2011 remete-nos para a continuidade das assimetrias litoral/interior e no acentuar, em alguns casos das características que habitualmente se associam ao interior. A tendência recessiva da maior parte das regiões do interior mantém-se, em alguns casos acentua-se diminuindo o número de pólos regionais que actuavam como dinamizadores à escala local/regional, mesmo no caso de alguns centros urbanos de média dimensão.

Palavras Chave: Dinâmica populacional, Crescimento natural, Crescimento migratório, Dinâmicas demográficas regionais.

Abstract:

Portugal, the country which rises out from the preliminary data of Censos 2011 sends us to the continuity of interior/coast asymmetries and stresses, in some cases, the characteristics which we usually associate with the interior. The recessive tendency of most interior regions is maintained, in some cases it is stressed, diminishing the number of regional poles that developed the local/regional areas, even some urban medium size centres.

Key words: Population dynamics, Natural growth, Migration growth, Regional population dynamics.

Introdução

As regionalidades do território nacional são com frequência analisadas sob a perspectiva das dualidades norte/sul, litoral/interior, análise cujas origens se podem remontar à organização territorial que vem dos primórdios da nacionalidade[1], e que a evolução demográfica regional, ao longo das últimas décadas, reflecte. Até porque o comportamento do potencial demográfico se interrelaciona profundamente com as variáveis socioeconómicas. A geografia dos recursos, dos centros de decisão política e dos equipamentos sociais não pode ser separada dos espaços e do perfil demográfico das populações que a habitam. Crescimento demográfico, natalidade, mortalidade e movimentos migratórios são, assim, objecto de análise e reflexão e indicadores a ter em conta quando se pretende fazer o diagnóstico sobre o desenvolvimento de regiões.

O Portugal que emerge dos dados preliminares do Censo de 2011 remete-nos para a continuidade das assimetrias litoral/interior, no acentuar, em alguns casos, das características que habitualmente se associam ao interior (despovoamento, ruralidade), ainda que seja possível observar a permanência de alguns centros de média dimensão que mantêm algum dinamismo, o que lhes confere um importante papel na organização regional. Nestas assimetrias e rupturas que sobressaem da evolução da população destas regiões do Cento/ Norte, podemos reconhecer uma caracterização estruturada nos eixos litoral e interior[2] que só uma análise a partir de núcleos territoriais mais desagregados pode percepcionar. As(des)continuidades são deste modo identificadas através de um interior que agrupa o Douro , Alto Trás-os-Montes, no Norte, e o Pinhal Interior Norte, Pinhal Interior Sul, Serra da Estrela, Beira Interior Norte, Beira Interior Sul, Cova da Beira, no Centro. A delimitação destas NUTS III também seguiu a dos Censos 2011.

Finalmente, também uma palavra de agradecimento ao INE e aos seus Técnicos que acompanharam a preparação da Conferência e cujo contributo foi fundamental para a organização da informação que aqui se apresenta.

1.Distribuição Espacial e Crescimento da População Residente

1.1 Evolução da População Residente

Uma das primeiras questões passa por tornar inteligíveis os principais traços da evolução dos quantitativos populacionais das diferentes regiões, perceber se actuais tendências seguem, ou não, direcções que já vêm de anos anteriores.

Quadro 1

Evolução da população residente Norte

População residente	1991	2001	2011
Norte	3 472 715	3 687 293	3 689 713
Norte litoral	1 830 979	1 981 427	1 992 779
Norte interior	**473 936**	**445 186**	**410 795**

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Quadro 2

Evolução da população residente Centro

População residente	1991	2001	2011
Centro	2 258 768	2 348 397	2 327 026
Centro litoral	1 721 887	1 828 137	1 844 403
Centro interior	**536 881**	**520 260**	**482 623**

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

O que desde logo se destaca, olhando para os volumes das populações das regiões do interior, é uma quebra já observável entre 1991 e 2001 e que se acentua em 2011. Esta tendência para a diminuição progressiva da população registou valores mais acentuados no Norte também desde 1991-2001, embora tenha sido o Centro que conheceu a maior variação no período considerado. O resultado é que no Norte interior, em 2011, são recenseados menos 63141 indivíduos do que em 1991 e no Centro menos 54258.

A observação das NUTS III do interior permite, por outro lado, verificar que a população do Douro e Alto Trás-os-Montes vai perdendo peso no contexto do Norte como resultado da progressiva diminuição dos seus efectivos, em comparação com as outras NUTS do Norte Litoral.

Quadro 3

Variação da população residente

	1991-2001	2001-2011
Norte	6,18	0,07
Centro	3,97	-0,91
Norte interior	**-6,07**	**-7,73**
Centro interior	**-3,10**	**-7,23**

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

1 Moreira :2009, 13.

2 Ver artigo de Cristina Sousa Gomes, editado neste número da Revista de Estudos demográficos

Quadro 4

População residente (HM) NUTS III Norte			
	1991	2001	2011
Douro	238 695	221 853	205 947
Alto Trás-os-Montes	235 241	223 333	204 848
Total NUTS III	473 936	445 186	410 795
% da população interior relativamente ao Norte	13,6	12,1	11,1

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Quadro 5

População residente (HM) NUTS III Centro			
	1991	2001	2011
Pinhal Interior Norte	139 413	138 535	131 199
Pinhal Interior Sul	50 801	44 803	40 724
Serra da Estrela	54 042	49 895	43 721
Beira Interior Norte	118 513	115 325	104 371
Beira Interior Sul	81 015	78 123	74 861
Cova da Beira	93 097	93 579	87 747
Total NUTS III	**536 881**	**520 260**	**482 623**
% da população interior relativamente ao Centro	23,8	22,2	20,7

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

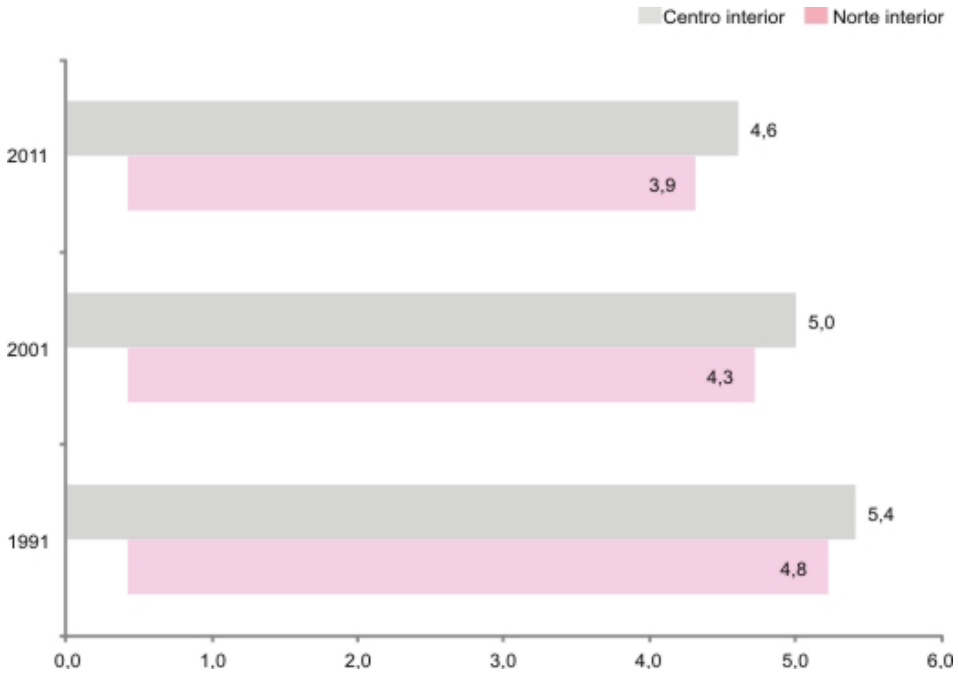
Verifica-se a mesma tendência regressiva no Centro, com todas as NUTS III a perderem população, de forma mais ou menos acentuada, desde 1991. A excepção é a Cova da Beira que entre 1991 e 2001 registou um aumento dos seus efectivos. O Pinhal Interior Norte, Serra da Estrela e, principalmente, a Beira Interior Norte foram as NUTS que tiveram uma quebra mais acentuada em 2001-2011 quando comparado com a década anterior.

A evolução dos quantitativos populacionais das diferentes regiões do interior mostra, portanto, continuidade na tendência que se desenha entre 1991 e 2011, na generalidade das regiões: perda progressiva de dinâmica, indiciadora de alguma incapacidade para manter ou atrair população. Mesmo a Cova da Beira conhece, nesta última década, uma tendência regressiva.

Na continuidade da tendência regressiva, já assinalada, os dados de 2011 apontam para um agravamento dessa tendência. Nesta trajectória destaca-se o Alto Trás-os-Montes com uma perda, entre 2001 e 2011, de 18 485 indivíduos, o Douro com menos 15 906, a Beira Interior Norte menos 10 954 e o Pinhal Interior Norte com uma perda de 7 336 residentes.

Figura 1

Proporção no total da população residente no País, 1991, 2001 e 2011



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Esta evolução reflecte-se não só no peso demográfico das regiões no contexto das NUTS II Norte (em 1991 representavam cerca de 13.6% da população, em 2001 12.1% e em 2011 11.1%) e Centro, (respectivamente 23.5%, 22,2% e 20.7%), como também na importância relativa da população do interior no total da população portuguesa (Gráfico 1).

1.2 População Residente e Presente

Os contrastes entre o interior e o litoral mantêm-se. O interior, tanto a Norte como no Centro, perde população residente, de ambos os sexos, nas duas décadas em observação.

É possível, todavia verificar que em 1991-2001, o Norte se apresenta como uma região mais repulsiva do que o Centro, diferença que se esbate na década seguinte, uma vez que se acentua no Centro a perda de população. A Norte a perda de Homens é superior, situação que já era uma realidade em 1991-2001, tanto quando comparado com as Mulheres, como com os Homens/Mulheres do Centro. No Centro, praticamente, não existe diferença significativa entre o decrescimento dos Homens e das Mulheres.

A desigual variação entre os sexos pode ser indiciador de movimentos migratórios, principalmente de saída, já que no caso destas sub-regiões, como já foi referido, as variações são de sinal negativo, tanto no que diz respeito aos residentes, como da população presente.

Podemos, no entanto, verificar que a variação da população presente é mais significativa no caso dos Homens, tanto em 2001, como em 2011, no Norte interior. No Centro interior, em 2001, os valores da variação são muito semelhantes entre os dois sexos, embora em 2011 aumente a diferença entre Homens e Mulheres, com uma perda superior entre os Homens.

Quadro 6

Variação população Residente – Presente Nuts II												
	Residente 1991-2001			Residente 1991-2001			Presente 1991-2001			Presente 2001-2011		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Norte	6.18	6.30	6.07	0.07	-0.75	0.83	4.67	4.50	4.84	1.29	0.48	2.03
Norte Litoral	8.22	8.71	7.75	0.57	-0.21	1.31	7.09	7.50	6.71	1.09	0.11	2.00
Norte Interior	-6.07	-7.05	-5.12	-7.73	-8.63	-6.88	-5.30	-6.19	-4.46	-6.87	-7.22	-6.54
Centro	3.97	3.95	3.98	-0.91	-1.73	-0.15	2.64	2.33	2.93	-0.09	-0.94	0.68
Centro Litoral	6.17	6.12	6.22	0.89	-0.00	1.72	4.88	4.50	5.23	1.55	0.59	2.42
Centro Interior	-3.10	-3.06	-3.13	-7.23	-7.83	-6.68	-4.57	-4.73	-4.43	-5.89	-6.40	-5.43

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Quando descemos ao nível de análise das NUTS III do interior verifica-se um acentuar de perda de residentes em relação a 2001, principalmente na Serra da Estrela, Beira Interior Norte e Pinhal Interior Sul, em que por cada 100 residentes em 2001 havia menos 12, 10 e 9, respectivamente. A Beira Interior Sul foi a NUT que perdeu menos população face a 2001. Mais a Norte, tanto o Douro como Alto Trás-os-Montes seguiram esta tendência de perda de população, com valores semelhantes aos das NUTS do centro (-7,17% e -8,28%). Todas estas sub-regiões perderam mais residentes masculinos do que femininos.

Como já notámos, esta tendência repulsiva já era visível em 1991, o que indica uma continuidade no que diz respeito à evolução da população do interior. Se em 2001 a Cova da Beira se destacava pela positiva, a década seguinte veio acentuar as perdas na generalidade das NUTS que já estavam a perder população, ou fazer inverter a tendência de crescimento da Cova da Beira. Na generalidade, a perda de Homens residentes é superior à das Mulheres, salvo, com uma pequena diferença, no Pinhal Interior Norte entre 1991-2001 (Homens, -0,25% e Mulheres -0,97%).

As variações da população presente das NUTS do interior acompanha o registo da população residente, ou seja, há maiores perdas de Homens do que de Mulheres. Registe-se, novamente, o caso da Cova da Beira onde entre 1991 e 2001, década em que houve uma variação positiva da população, há uma maior perda de mulheres, situação que se inverte em 2011,altura em que esta NUT passa também a registar perda de população.

1.3 Despovoamento versus Concentração Populacional

Quando se consideram as NUTS do interior a tendência é para uma diminuição constante das densidades em todas as sub-regiões, semelhante ao que se passa no Centro interior, com valores que não chegam aos 40 habitantes por Km2

Quadro 7

Densidade Média (habitantes por km^2) 1991, 2001 e 2011			
NUTS III	1991	2001	2011
Portugal	107,01	112,31	114,48
Norte	163,15	173,23	173,34
Norte litoral	223,52	241,89	243,27
Norte interior	**38,6**	**36,25**	**33,45**
Centro	80,1	83,28	82,52
Centro Litoral	126,38	134,17	135,37
Centro interior	**36,84**	**35,7**	**33,11**

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

No Norte, é a NUTS III do Douro que tem a maior densidade média, embora com uma quebra continuada, considerando os três momentos censitários. Mas é no Centro que encontramos as NUTS mais densamente povoadas do interior, Cova da Beira, Serra da Estrela e Pinhal Interior Norte

Quadro 8

Densidade Média (habitantes por km^2) 1991, 2001 e 2011, Nuts III Norte

NUTS III	1991	2001	2011
Norte interior	38,6	36,25	33,45
Douro	58,1	54	50,13
Alto Trás-os-Montes	28,79	27,33	25,07

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Quadro 9

Densidade Média (habitantes por km^2) 1991, 2001 e 2011, Nuts III Centro

NUTS III	1991	2001	2011
Centro Interior	36,84	35,7	33,11
Pinhal Interior Norte	53,28	52,95	50,14
Pinhal Interior Sul	26,67	23,52	21,38
Serra da Estrela	62,28	57,5	50,38
Beira Interior Norte	29,17	28,39	25,69
Beira Interior Sul	21,61	20,84	19,97
Cova da Beira	67,73	68,08	63,84

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Quadro 10

Municípios mais densamente povoados 1991, 2001 e 2011 Nuts III,

Município	1991	2001	2011
Peso da Régua	227,36	198,52	180,23
Mesão Frio	207,1	184,85	165,97
Lamego	182,35	169,75	161,45
Santa Marta de Penaguião	140,05	123,68	105,71
Vila Real	122,23	131,88	137,85
Covilhã	97,19	98,1	93,18
Lousã	97,16	113,82	125,58

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Quadro 11

Municípios em que a densidade aumenta

Município	1991	2001	2011
Bragança	28,17	29,61	30,1
Vila Real	122,23	131,88	137,85
Lousã	97,16	113,82	125,58
Miranda do Corvo	92,37	103,41	103,66
Castelo Branco	37,76	38,73	38,96

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

A diminuição das densidades em todos os concelhos acompanha a diminuição da população, embora se possa depreender alguma concentração urbana, visto ser nos concelhos onde se localizam centros urbanos com algum dinamismo onde as densidades aumentam, como é o caso de Bragança, Vila Real, Lousã, Miranda do Corvo e Castelo Branco.

A diminuição do peso relativo deste interior revela, pois, uma vasta região onde o despovoamento alastra. Veja-se que em 2011, a população do Norte interior não representava mais de 11% do total da NUTS II Norte, embora ocupe uma área de 57,5%.

Quanto ao Centro, o panorama não é muito diferente, uma vez que em 2011 a sua população não representava mais de 21 % da população da NUTS III Centro, ocupando 51,7% da área desta região.

Importa notar que uma escala que acompanha o país acaba por fazer esbater as dinâmicas locais (ver cartogramas) que, todavia, são fundamentais para compreender essa mesmas realidades locais/regionais. Veja-se que no interior as densidades podem oscilar, em 2011, entre os cerca de 180 habitantes por km2 de Peso da Régua e os 7 habitantes por km2 de Idanha-a-Nova.

Figura 2

Densidade populacional, Norte, 2001

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 2 a)

Densidade populacional, Centro, 2001

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 3

Densidade populacional, Norte, 2011

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 3 a)

Densidade populacional, Centro, 2011

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

2.Crescimento Populacional

2.1 Crescimento Anual Médio

Quadro 12

Taxa de crescimento anual médio 1991/2001 e 2001/2011

	1991/2001	2001/2011
Portugal	0.49	0.19
Norte	0.61	0.01
Norte litoral	0.80	0.06
Norte interior	**-0.63**	**-0.81**
Douro	-0,73	-0,74
Alto Trás-os-Montes	-0,52	-0,86
Centro	0.39	-0.09
Centro litoral	0.61	0.09
Centro interior	-0.32	-0.75
Pinhal Interior Norte	-0,06	-0,54
Pinhal Interior Sul	-1,26	-0,95
Serra da Estrela	-0,80	-1,31
Beira Interior Norte	-0,27	-0,99
Beira Interior Sul	-0,37	-0,43
Cova da Beira	0,05	-0,64

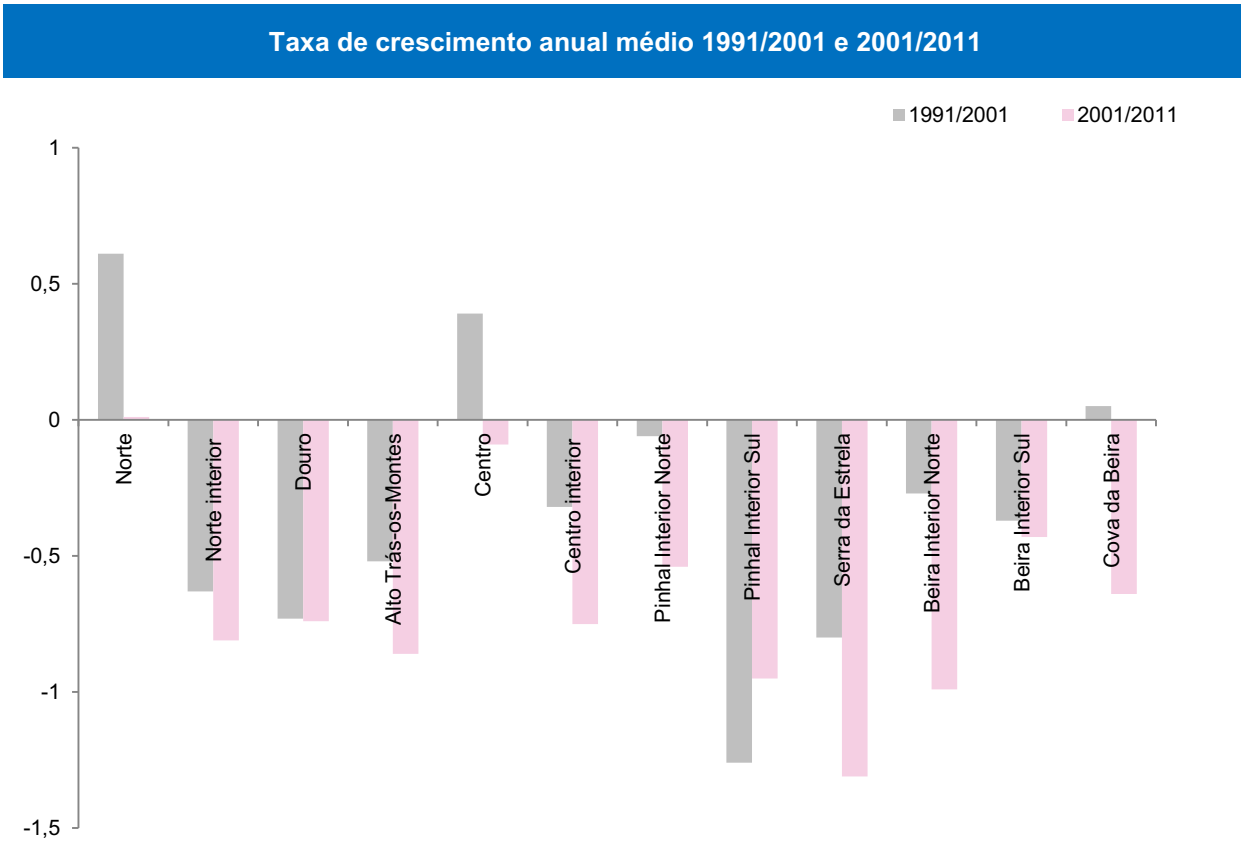
Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Conhecida a distribuição dos volumes populacionais pelo território, bem como a sua variação ao longo das últimas duas décadas, importa conhecer os ritmos do seu crescimento.

As desigualdades internas que temos vindo a evidenciar ao compararmos o interior e o litoral do Centro/Norte, são bem evidentes quando analisamos os valores da taxa de crescimento anual médio (tcam)[3]. A leitura comparativa deste indicador revela a existência de dinâmicas regionais específicas, com um interior cuja evolução se caracteriza por uma tendência inversa à observada no todo nacional e ao resto do Centro e do Norte. Registe-se, pois, que entre 2001 e 2011 as NUTS do interior acentuam a continuidade do crescimento negativo face ao período anterior.

Esta tendência para a perda de efectivos populacionais ganha maior expressividade quando descemos a um nível territorial mais desagregado, ou seja, considerando as NUTS III e respectivos concelhos.

Figura 4



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

3 Taxa de Crescimento Anual Médio – log Pn/P0=n log (1+a) (Nazareth:1988, 165)

No Norte interior, as variações do crescimento anual médio observadas no Douro e Alto Trás-os-Montes não diferem muito entre os dois períodos em análise. Veja-se o caso do Douro, que decresce praticamente ao mesmo ritmo, enquanto no Alto Trás-os-Montes há um acentuar dos valores negativos da tcam entre 2001-2011. Dos 33 concelhos que integram o Norte interior, apenas 4 têm um crescimento positivo em 1991-2001 (Vila Real, Bragança, Mirandela e Chaves), valor que desce para 2 em 2001-2011 (Vila Real e Bragança).

No Centro interior entre 1991 e 2001 só a Cova da Beira tem um crescimento positivo, ainda que muito perto do zero, sendo que, à excepção do Pinhal Interior Sul que já regista nesta década uma tcam de -1,26%, todas as outras têm taxas inferiores a -1% ao ano. Na década seguinte acentua-se a tendência regressiva com todas as NUTS a terem um crescimento negativo mais acentuado, com valores que oscilam entre os -0,43% da Beira Interior Sul e -1,31% da Serra da Estrela. Integram o Centro interior 38 concelhos dos quais 8 (Lousã, Vila Nova de Poiares, Guarda, Miranda do Corvo, Castelo Branco, Belmonte, Covilhã, Celorico da Beira) tiveram um crescimento positivo, número que se reduziu na década seguinte. Em 2001-2011 só já 5 concelhos mantiveram o crescimento positivo, Lousã, Vila Nova de Poiares, Miranda do Corvo, Castelo Branco e Vila de Rei. Não deixa de ser relevante salientar o caso de Vila de Rei, concelho que na década anterior registou uma taxa negativa e que agora vê a sua população aumentar. Todavia, não podemos esquecer que este é um concelho com um volume de população pequeno (3687 habitantes em 1991, 3354 em 2001 e 3449 em 2011), pelo que a análise de qualquer alteração no volume da sua população deve ter em consideração as oscilações aleatórias próprias de agregados com poucos efectivos populacionais. Por outro lado, note-se que este aumento não é suficiente para alcançar os valores de 1991.

Nestas duas sub-regiões há, portanto, um número significativo de concelhos que mantêm uma tendência de crescimento negativo entre as duas décadas, além de que em 2001-2011 os valores negativos são mais pronunciados. Se considerarmos o Norte e o Centro interiores como um todo (71 concelhos), apenas cerca de 17% e 10% dos concelhos tiveram uma dinâmica positiva, nos dois períodos considerados, o que é indiciador de uma continuidade recessiva que atinge grande parte dos concelhos do interior do país.

Apesar da crescente homogeneização do interior no que diz respeito aos ritmos de crescimento, é possível encontrar alguma diversidade de contrastes, tanto no que diz respeito a uma certa dinâmica positiva, como dentro daqueles que registaram os valores mais baixos.

Veja-se que em 1991-2001 encontramos valores de tcam que oscilam entre os -2,12% de Boticas e 1,61% da Lousã, concelho que em 2001-2011 continua a ser o que cresce a um ritmo mais elevado, ainda que de forma menos intensa (0,99%). O que regista a tcam mais baixa na última década é Armamar que perde quase 2,5 habitantes por cada 100 e por ano.

Aliás é notória a existência de um abrandamento do ritmo de crescimento positivo, bem como o aumento do número de concelhos cujas taxas são superiores a -1%, ou seja, acentua-se a perda de população nas regiões do interior. Enquanto em 1991-2001 havia 35 concelhos com taxas negativas superiores a 1%, em 2001-2011 o seu número ascende a 42.

Também os concelhos que mantêm um crescimento positivo em 2011 são, por um lado, os que albergam centros urbanos com funções administrativas, sedes de concelho/distrito, ou que beneficiam da proximidade de centros urbanos de maior dimensão. No primeiro caso podemos incluir Vila Real, Bragança e Castelo Branco e, no segundo, Lousã, Vila Nova de Poiares e Miranda do Corvo, sendo que Vila de Rei é um caso atípico. Veja-se que a Lousã, o concelho com o crescimento mais elevado do Norte/Centro Interior nas duas décadas consideradas, possivelmente beneficiará da continuidade e contiguidade da influência de Coimbra, o que aliás também poderá explicar o crescimento de Vila Nova de Poiares e Miranda do Corvo, aliado à confluência de eixos viários.

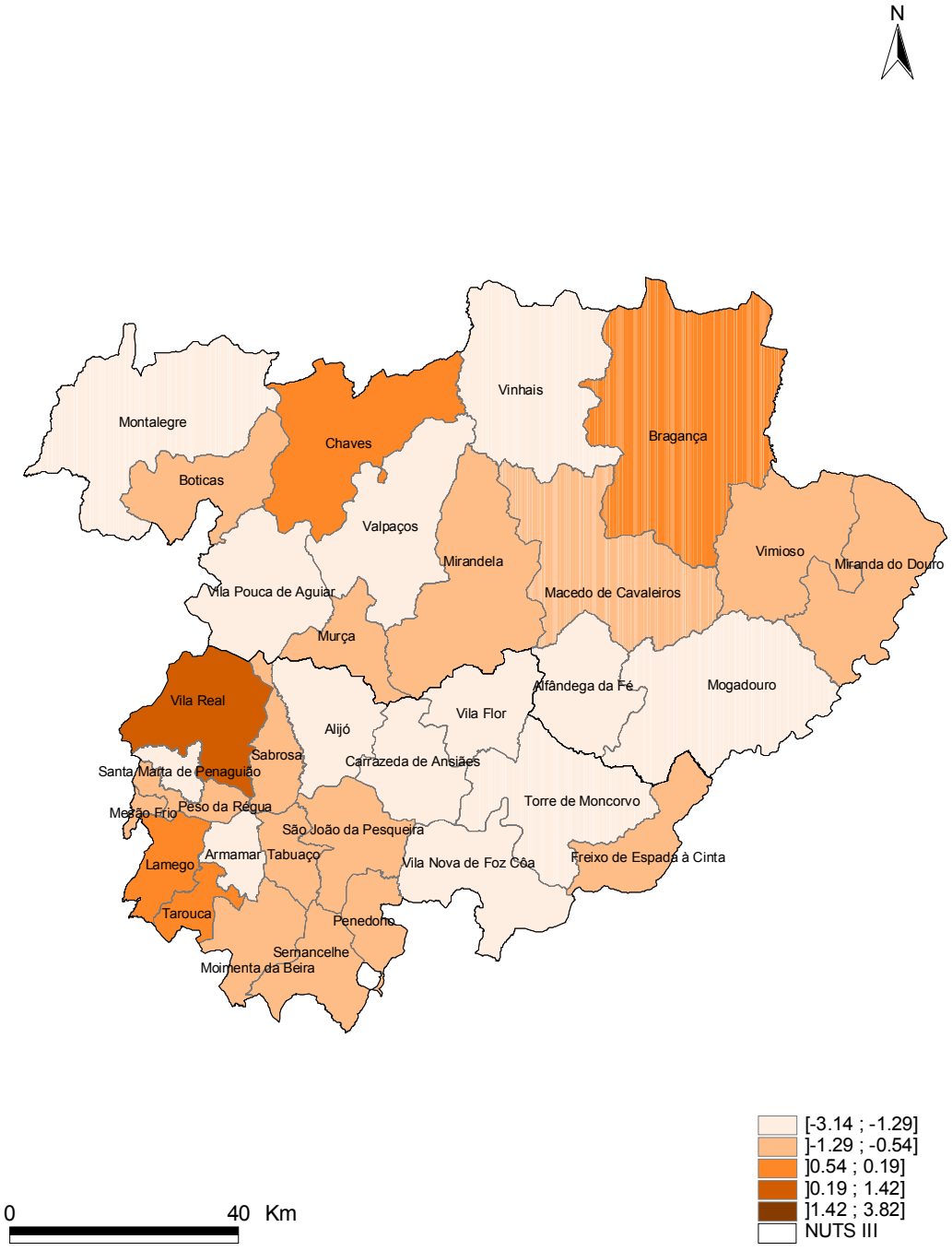
No entanto, em relação à década anterior, é evidente a perda de dinamismo de alguns concelhos, que se mostraram incapazes de atrair e reter iniciativas e recursos das áreas envolventes, caso da Guarda, apesar da condição de centro urbano sede de concelho/distrito, ou de Mirandela, Chaves, Belmonte, Covilhã e Celorico da Beira.

A permanência de alguma diversidade, mas também de continuidades territoriais, no que diz respeito aos ritmos de (de)crescimento, revela uma linha que junta os concelhos da raia do Norte e Centro (Cartograma 2), que partilham um passado marcado pelos movimentos migratórios de saída, o que foi coartando a sua dinâmica demográfica e capacidade de recuperação. São concelhos, principalmente no Centro, que registam taxas anuais médias negativas superiores a 1%. Todavia, esta é uma realidade que vai avançando para além das regiões raianas, como se pode observar na representação cartográfica deste indicador, até mesmo para eixos que nos

anos 90 revelavam alguma vitalidade (caso do eixo que liga Castelo Branco, Fundão, Covilhã, Belmonte e Guarda, no Centro, e Mirandela e Chaves mais a norte). Por outro lado, os concelhos que estão mais próximos do Baixo Mondego beneficiam da proximidade de Coimbra.

Figura 5

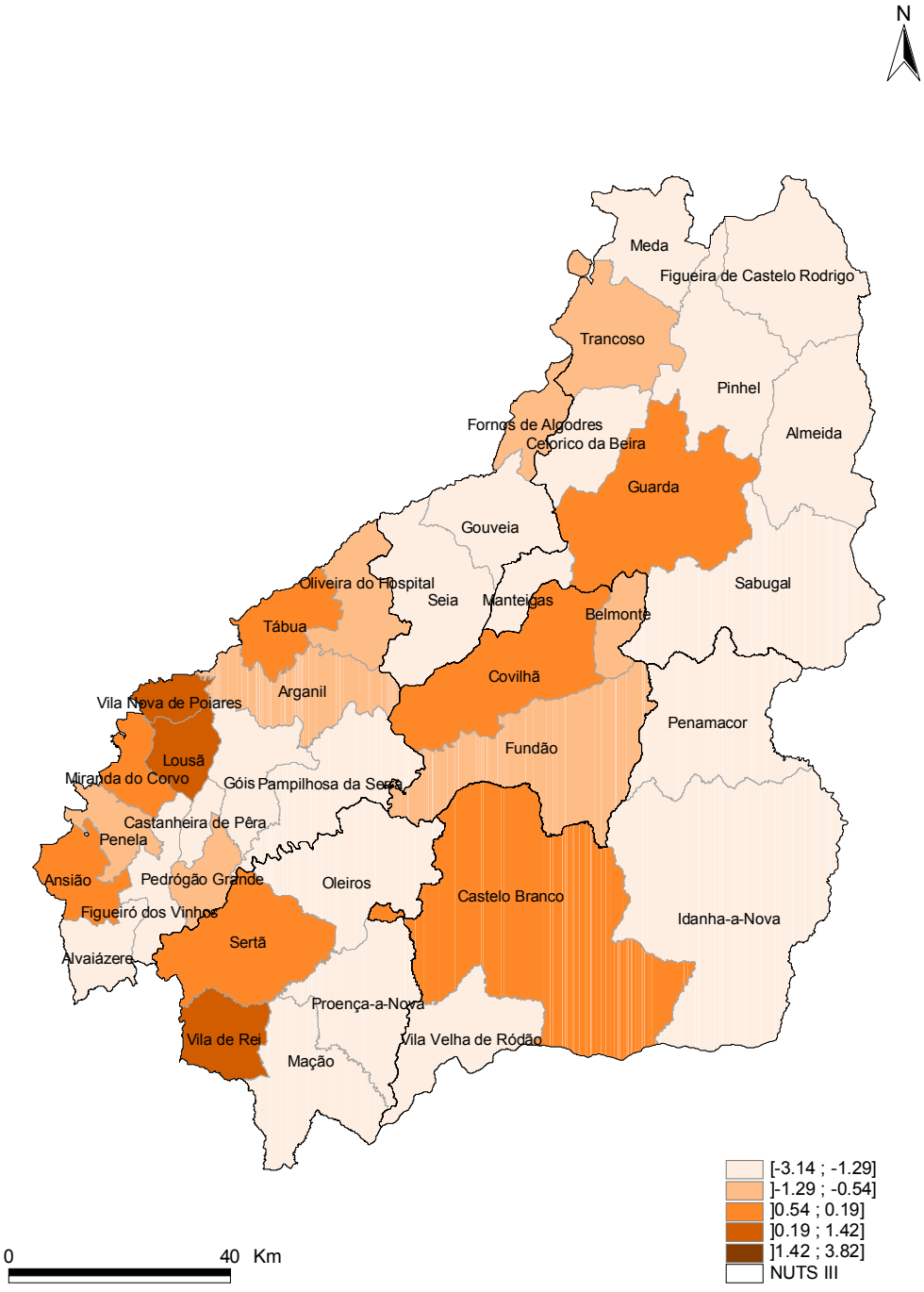
Taxa de crescimento anual médio (HM), Norte



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 5 a)

Taxa de crescimento anual médio (HM), Centro



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

2.2 Crescimento Natural, Migratório e Efectivo 2001-2011

Estas dinâmicas populacionais só podem ser totalmente inteligíveis quando consideramos o crescimento migratório e natural que ajudam a explicar os contrastes das regionalidades do Portugal de 2011.

Sabe-se que o crescimento efectivo do país é consequência principalmente do crescimento migratório, já que actualmente o crescimento natural tem cada vez menos expressão [4].

Apesar de nas regiões do interior encontrarmos ritmos intensos de declínio populacional, é possível distinguir duas realidades. Enquanto no Norte o crescimento efectivo, acentuadamente negativo, é acompanhado pelo natural e migratório, no Centro é possível observar a existência de algumas NUTS III com crescimento migratório que, todavia, não foi suficiente para compensar os valores negativos do crescimento natural. Apenas a Serra da Estrela, Beira Interior Norte e Cova da Beira registam saldos migratórios negativos. Os valores acentuadamente negativos do crescimento natural revelam pouco dinamismo demográfico o que influencia a sustentabilidade demográfica destas regiões.

art9_qd13

Quadro 13

Saldos natural e migratório, crescimento efectivo e respectivas taxas entre 2001 – 2011

	Saldo natural	Saldo migratório	Crescimento efectivo	Taxa de crescimento efectivo	Taxa de crescimento natural	Taxa de crescimento migratório
Portugal	17 527	182 209	199 736	1.93	0.17	1.76
Norte	48 062	-45 642	2 420	0.07	1.30	-1.24
Norte interior	-23 116	-11 275	-34 391	-7,73	-5,19	-2,53
Douro	-9 196	-6 710	-15 906	-7,17	-4,15	-3,02
Alto Trás-os-Montes	-13 920	-4 565	-18 485	-8,28	-6,23	-2,04
Centro	-62 625	41254	-21 371	-0,91	-2,67	1,76
Centro interior	-37 985	348	-37 637	-7,23	-7,3	0,07
Pinhal Interior Norte	-8 922	1586	-7 336	-5,3	-6,44	1,14
Pinhal Interior Sul	-5 243	1164	-4 079	-9,1	-11,7	2,6
Serra da Estrela	-4 390	-1 784	-6 174	-12,37	-8,8	-3,58
Beira Interior Norte	-8 773	-2 181	-10 954	-9,5	-7,61	-1,89
Beira Interior Sul	-6 557	3295	-3 262	-4,18	-8,39	4,22
Cova da Beira	-4 100	-1 732	-5 832	-6,23	-4,38	-1,85

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

É possível, portanto, tendo em conta o sentido dos saldos migratórios, descobrir dinâmicas que mostram alguma atractividade em oposição à repulsão de outros territórios. Daqui ressalta a existência de diferentes dinâmicas locais e regionais, provavelmente com origens diversificadas, mesmo no contexto de regiões deprimidas. Quando se compara as NUTS com saldos migratórios positivos com os concelhos que viram a sua população crescer verificamos uma coincidência em termos territoriais, bem como o facto de haver o efeito de alguma atracção urbana que justifica esta relação (caso da Lousã, Vila Nova de Poiares e Miranda do Corvo, Castelo Branco). Noutros casos, a atractividade destes concelhos não foi suficiente para contrariar as tendências recessivas das regiões envolventes. É assim nos concelhos de Vila Real, que regista tanto crescimento natural como migratório, sendo este último mais intenso, e em Bragança, cujo crescimento migratório compensou a descida do saldo natural.

4 Saldo Natural "Diferença entre o número de nados vivos e o número de óbitos, num dado período de tempo".(INE, 2006)

Saldo Migratório" Diferença entre o número de entradas e saídas por migração, internacional ou interna, para um determinado país ou região, num dado período de tempo". (INE, 2006)

Taxa de Crescimento Efectivo "Variação populacional observada durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, referido à população média desse período (habitualmente expressa por 100 (102) ou 1000 (103) habitantes)". (INE, 2006)

Taxa de Crescimento Migratório "Saldo migratório observado durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, referido à população média desse período (habitualmente expressa por 100 (102) ou 1000 (103) habitantes)"- (INE,2006)

Dos concelhos que constituem o Norte interior, só dois apresentam crescimento efectivo, Vila Real e Bragança, o que representa 6% do total dos concelhos (33). Há todavia mais 3 concelhos com taxas de crescimento migratório positivas, mas bastante insuficientes para compensar os intensos saldos naturais negativos (Freixo de Espada à Cinta, Tabuaço, Miranda do Douro).

No Centro, encontramos um maior número de concelhos com saldos migratórios positivos, 16, sendo que Vila de Rei (20,93%), Vila de Velha de Ródão (10,20%) e a Lousã (8,56%) são os que têm as taxas com valores mais elevados. Porém, estamos perante realidades bem distintas, pois enquanto Vila Velha de Ródão associa a este crescimento migratório uma muito elevada taxa de crescimento natural negativo (-22,86%) que está na origem de uma taxa de crescimento efectivo de -12,66, Vila de Rei com uma taxa de crescimento migratório de 20,93%, que compensa o saldo natural (-18,10%), a Lousã é o único concelho do centro que apresenta taxas de crescimento migratório e natural positivas (1.77% e 8,56%,respectivamente). Aliás, em toda esta sub-região o único concelho com saldo natural é a Lousã. Por outro lado, não podemos deixar de ressalvar o facto daqueles dois primeiros concelhos terem volumes de população reduzidos (3579 e 3449, respectivamente), quando comparados com a Lousã (17380).

Dos 38 concelhos do Centro interior só 5 apresentam crescimento efectivo, o que corresponde a 13% dos concelhos, crescimento esse que se deve, como se viu, principalmente aos saldos migratórios positivos (Lousã, Miranda do Corvo, Vila Nova de Poiares, Vila de Rei e Castelo Branco).

A existência de saldos migratórios negativos e de alguns positivos revela, pois, dinâmicas migratórias específicas que desempenham um papel determinante na evolução da população destas regiões. Esta atractividade/repulsão pode fazer ressaltar a existência de coincidências entre zonas economicamente atractivas e zonas repulsivas e processos de redistribuição da população com impactos nas dinâmicas locais e regionais. Processos que importa analisar para compreender as mudanças em curso, mas também para possibilitar o desenvolvimento de ferramentas de apoio à definição de políticas de desenvolvimento a regiões demograficamente deprimidas.

Figura 6

Taxa de crescimento migratório, Norte

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

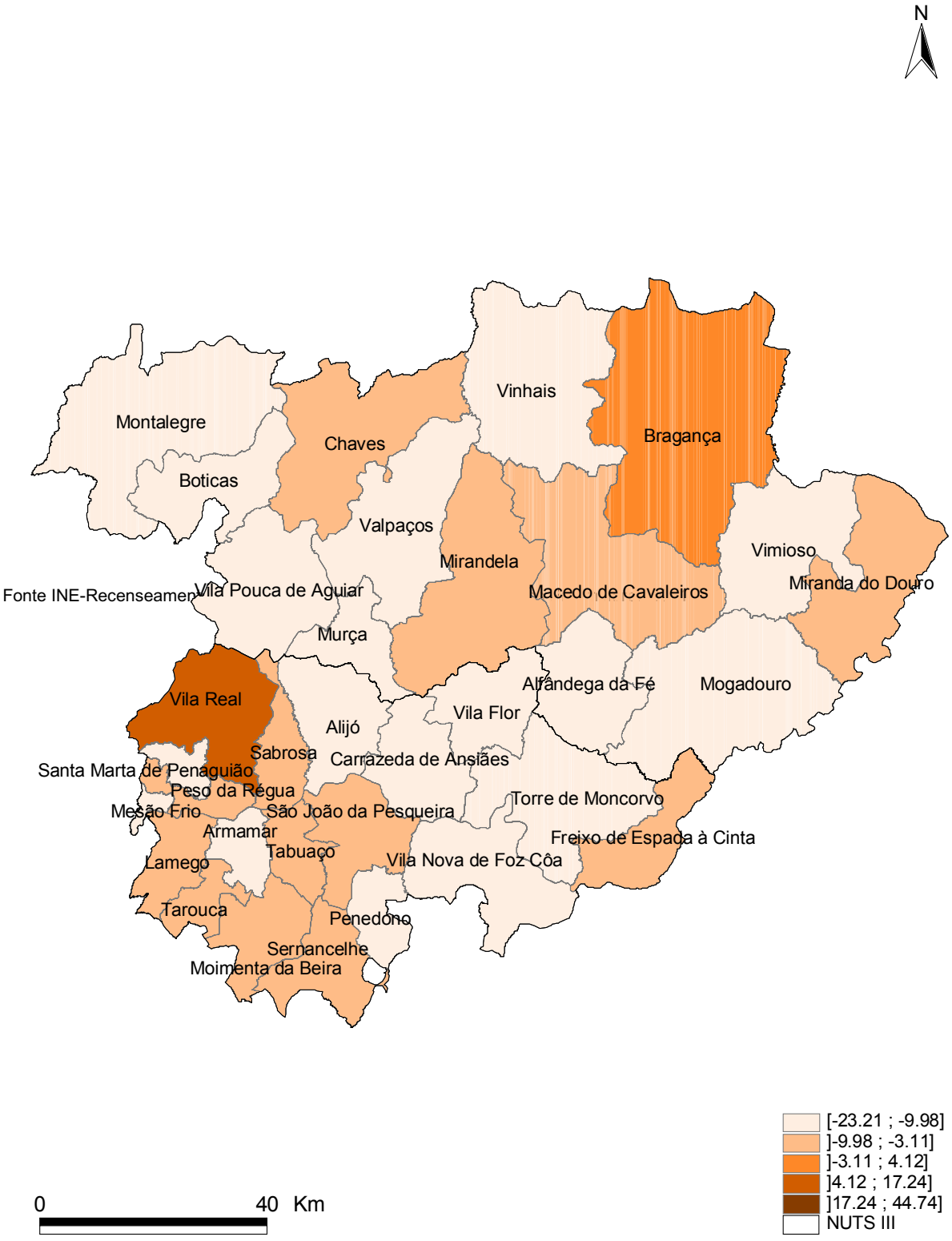
Figura 6 a)

Taxa de Crescimento natural, Norte

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 6 b)

Taxa de Crescimento Efectivo, Norte

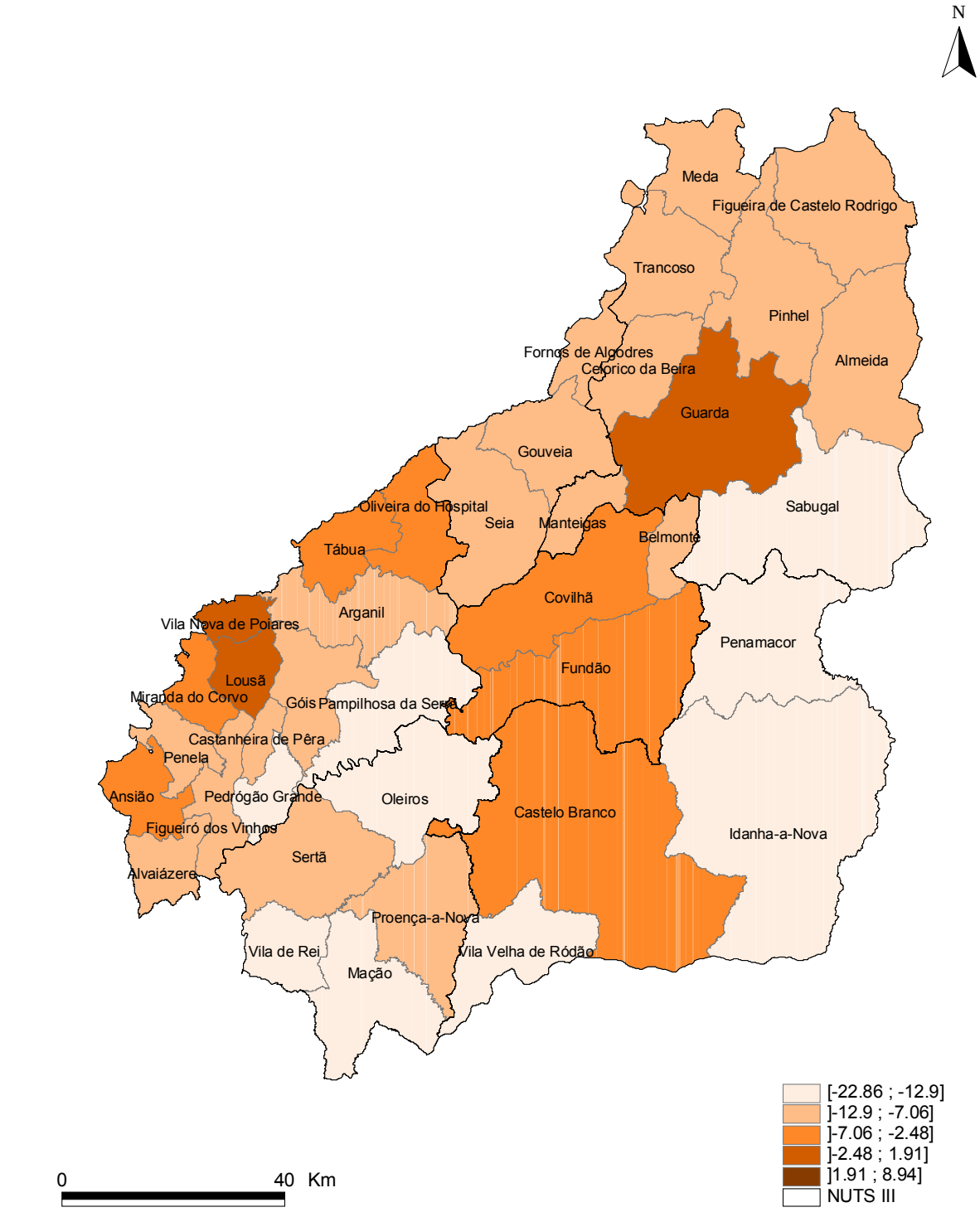


Fonte INE-Recenseamen

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 7

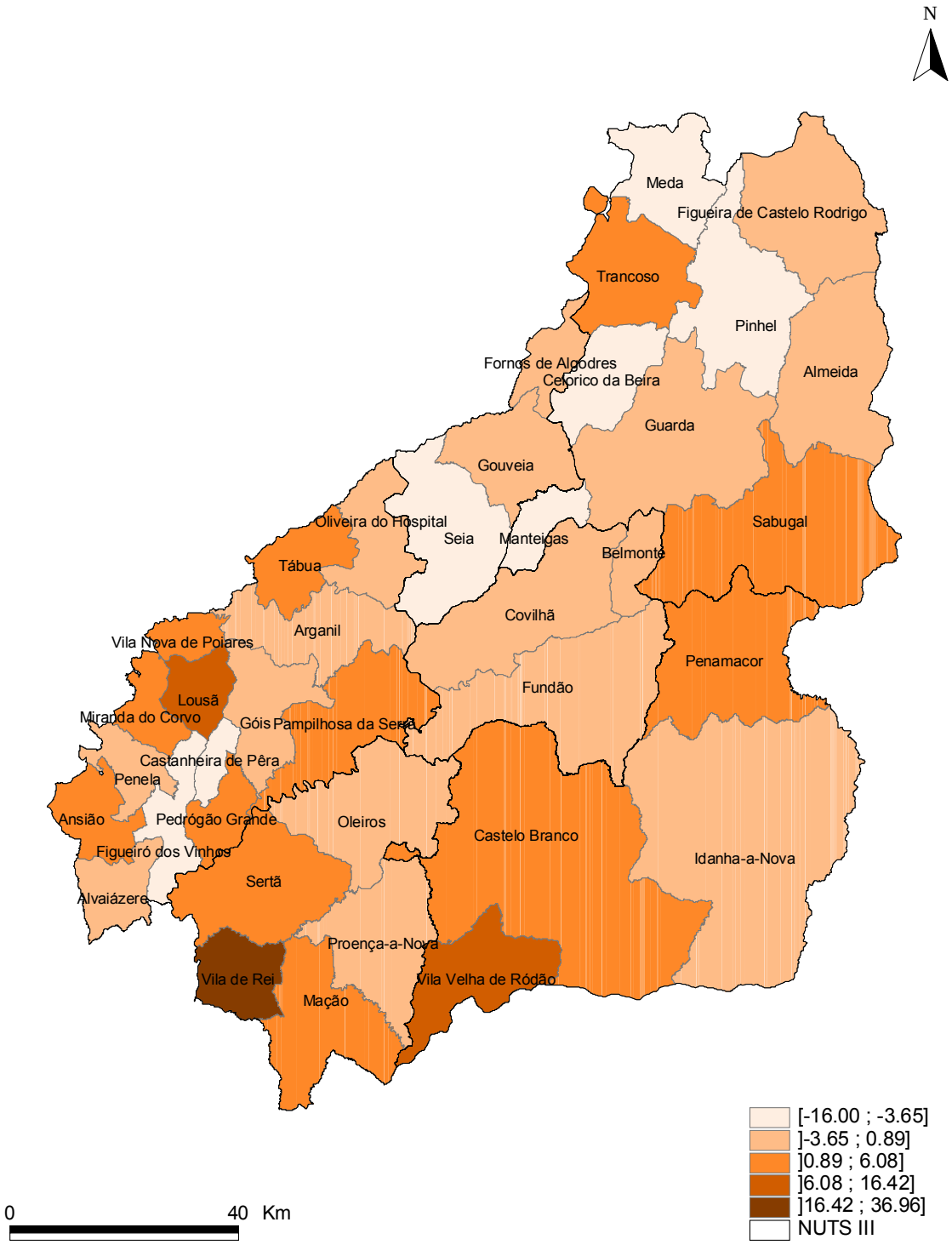
Taxa de Crescimento natural, Centro



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 7 a)

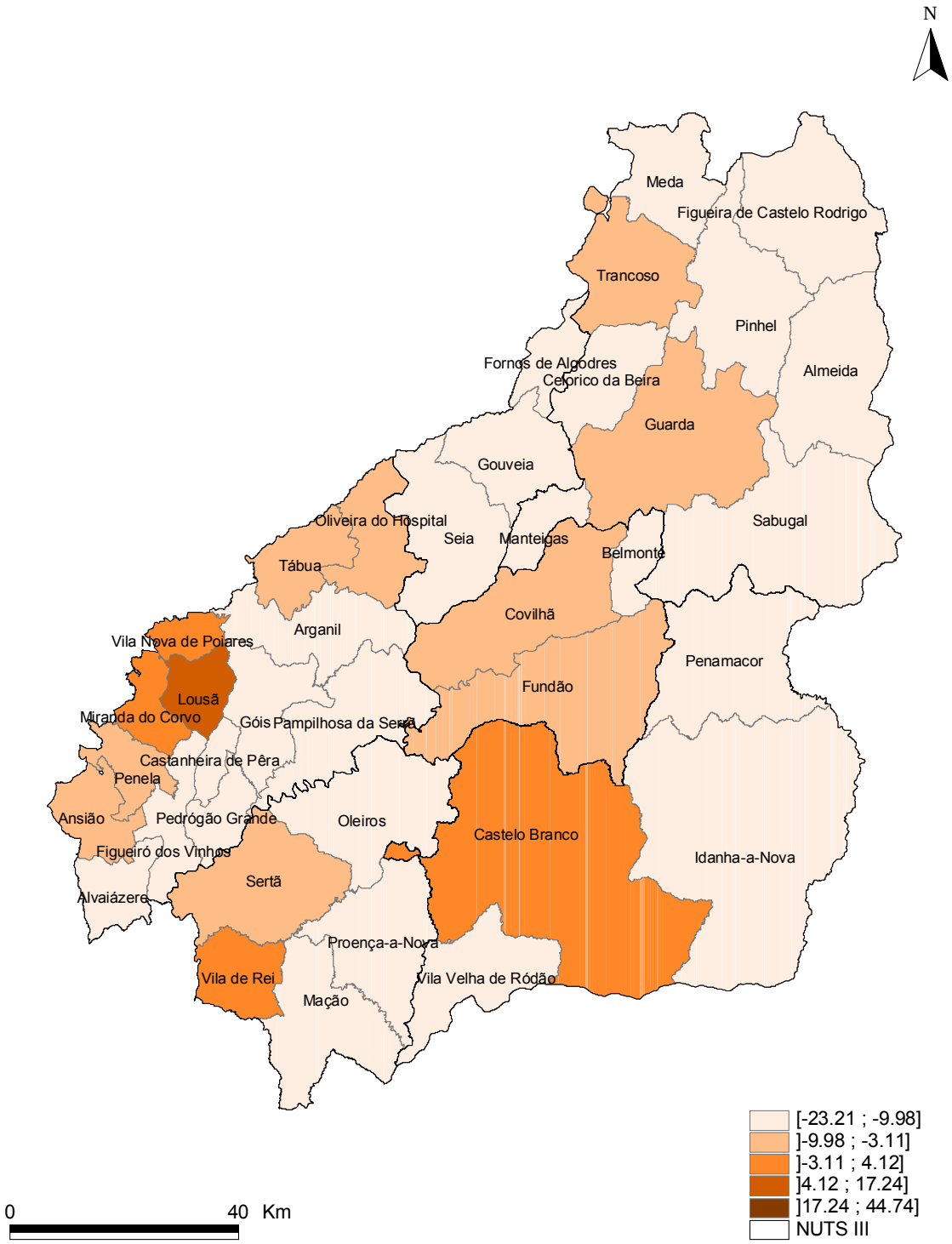
Taxa de crescimento migratório, Centro



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 7 b)

Taxa de Crescimento Efectivo, Centro



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

2.3 Comportamento das Zonas Rurais e Atractividade Populacional das Zonas Urbanizadas

Os diferentes indicadores que referenciámos têm vindo a apontar para uma evolução regressiva da população destas regiões do interior. Evidência que também pode ser comprovada quando consideramos a ocupação do território, nomeadamente no que diz respeito à concentração urbana e/ou esvaziamento das zonas rurais. Numa primeira análise veja-se que, no contexto das NUTS II Norte e Centro, as regiões do interior têm um peso reduzido (quadros 14 e 15), tanto quando consideramos as áreas predominantemente rurais (APR), como quando consideramos as áreas urbanas (AMU e APU) [5]. No Norte, a população que reside em freguesias APR representa, em 2001, 6,2% e a que reside em APU e AMU, 5,8%, enquanto que no Centro as percentagens são ligeiramente superiores, 10,9% e 11,3%, respectivamente, apesar de, como já dissemos, as sub-regiões em análise ocuparem um pouco mais de metade da área do Norte e do Centro. Em 2011, o peso relativo destas freguesias não se altera de forma significativa. Note-se, no entanto, que tanto no Norte como no Centro interior a população das freguesias predominante rurais diminui, sendo que nas regiões do Norte as freguesias urbanas superam a percentagem das rurais, enquanto a população das AMU e APU aumenta. Apesar de uma generalizada perda de população, sobressai pois o despovoamento rural e uma tendência para a concentração urbana.

Quadro 14

População residente, famílias, alojamentos e edifícios em Áreas Predominantemente Rurais e Áreas Urbanas (Áreas predominantemente Urbanas e Mediamente Urbanas) em 2001 e 2011

	2001				2011			
	População residente (HM)	Famílias	Alojamentos	Edifícios	População residente (HM)	Famílias	Alojamentos	Edifícios
Norte	3 687 293	1 211 590	1 613 781	1 100 329	3 689 713	1 341 445	1 849 181	1 210 720
Norte interior	445 186	159 699	265 037	230 592	410 795	163 005	291 727	246 851
APR	230 221	87 112	155 166	152 953	191 306	78 716	160 085	158 289
AMU+APU	214 965	72 587	109 871	77 639	219 489	84 289	131 642	88 562
%APR Norte	6,2	7,2	9,6	13,9	5,2	5,9	8,7	13,1
%AMU+APU Norte	5,8	6	6,8	7,1	5,9	6,3	7,1	7,3
%APR Norte interior	51,7	54,5	58,5	66,3	46,6	48,3	54,9	64,1
%AMU+APU Norte interior	48,3	45,5	41,5	33,7	53,4	51,7	45,1	35,9

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Esta maior atracção pelo urbano torna-se mais visível quando consideramos o peso das freguesias urbanas no contexto do Norte e Centro interiores. Assim, no Norte a população a viver em AMU e APU aumenta de 48,3%, em 2001, para 53,4%, em 2011 a par do decrescimento das freguesias predominantemente rurais. Comparando o Douro com Alto-Trás-os Montes, esta última sub-região apresenta-se como aquela onde é menor a concentração urbana, apesar de as áreas urbanas terem aumentado o seu peso relativo.

Já no Centro acentua-se a proporção de população em áreas urbanas, embora no Pinhal Interior Sul e Beira Interior Norte se mantenha o predomínio das áreas predominante rurais. Em todas as outras NUTS III é evidente a tendência para a concentração nas Áreas Mediamente e Predominantemente Urbanas entre 2001 e 2012.

Quadro 15

População residente, famílias, alojamentos e edifícios em Áreas Predominantemente Rurais e Áreas Urbanas (Áreas predominantemente Urbanas e Mediamente Urbanas) em 2001 e 2011

	2001				2011			
	População residente (HM)	Famílias	Alojamentos	Edifícios	População residente (HM)	Famílias	Alojamentos	Edifícios
Centro	2 348 397	848 286	1 254 701	992 321	2 327 026	914 716	1 450 268	1 113 420
Centro interior	520 260	198 023	361 420	312 076	482 623	198 182	372 104	310 516
APR	255 346	102 289	216 389	211 297	217 461	92 825	205 088	200 774
AMU+APU	264 914	95 734	145 031	100 779	265 162	105 357	167 016	109 742
%APR Centro	10,9	12,1	17,2	21,3	9,3	10,1	14,1	18
%AMU+APU Centro	11,3	11,3	11,6	10,2	11,4	11,5	11,5	9,9
%APR Centro interior	49,1	51,7	59,9	67,7	45,1	46,8	55,1	64,7
%AMU+APU Centro interior	50,9	48,3	40,1	32,3	54,9	53,2	44,9	35,3

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

5 Conferir com as definições de Áreas Predominantemente Rurais (APR), Mediamente Urbanas (AMU) e Predominantemente Urbanas (APU) disponíveis no INE na meta informação http://metaweb.ine.pt

A análise da variação percentual da população residente, edifícios, alojamentos e famílias vem confirmar a perda de população e famílias nas Áreas Predominantemente Rurais, a que juntam os alojamentos e edifícios no Centro (Quadro 16).

Quadro 16

Variação Percentual, entre 2001-2011, da População Residente, Famílias, Edifícios e Alojamentos

	População residente (HM)	Famílias	Alojamentos	Edifícios
	%			
Norte	0.1	10.7	14.6	10.0
Norte interior	-7,7	2,1	10,1	7,1
APR	-16,9	-9,6	3,2	3,5
AMU+APU	2,1	16,1	19,8	14,1
Centro	-0,9	7,8	15,6	12,2
Centro interior	-7,2	0,1	3	-0,5
APR	-14,8	-9,3	-5,2	-5,0
AMU+APU	0,1	10,1	15,2	8,9

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

2.4 Evolução de Alojamentos, Edifícios e Famílias

Ainda que, como temos vindo a referir, o interior Norte e Centro revelem alguma homogeneidade quanto à sua evolução, é possível detectar diferenças regionais que denotam dinamismos desiguais, fruto de mais intensas perdas de população ou de alguma capacidade em as atrair/manter.

A par da tendência recessiva da população que temos vindo a observar, há um abrandamento do crescimento das outras variáveis, famílias, alojamentos e edifícios, entre 2001 e 2011 (Quadro 19). Todavia, o Pinhal Interior Sul, a Serra da Estrela e a Beira Interior Norte, como resultado de intensas perdas populacionais entre 2011 e 2011, conhecem também uma variação negativa do número de famílias, que se prolonga da década anterior no caso das duas primeira sub-regiões.

Quadro 17

Variação Percentual, da População Residente, Famílias, Edifícios e Alojamentos

	População		Famílias		Alojamentos		Edifícios	
	1991-2001	2001-2011	1991-2001	2001-2011	1991-2001	2001-2011	1991-2001	2001-2011
Norte	6,18	0,07	20,01	10,72	25,32	14,59	12,49	10,03
Norte interior	-6,07	-7,73	4,78	2,07	13,74	10,07	8,32	7,05
Douro	-7,06	-7,17	2,37	3,70	12,63	11,03	7,24	8,36
Alto Trás-os-Montes	-5,06	-8,28	7,18	0,52	14,78	9,19	9,34	5,85
Centro	3,97	-0,91	12,59	7,83	16,64	15,59	8,79	12,20
Centro interior	-3,10	-7,23	2,90	0,08	10,09	10,24	4,35	8,51
Pinhal Interior Norte	-0,63	-5,30	6,16	1,11	14,65	13,04	8,88	11,21
Pinhal Interior Sul	-11,81	-9,10	-5,74	-2,58	9,87	11,79	6,41	10,59
Serra da Estrela	-7,67	-12,37	-0,22	-4,27	4,95	8,41	1,81	8,30
Beira Interior Norte	-2,69	-9,50	2,55	-3,98	7,83	7,89	3,48	7,03
Beira Interior Sul	-3,57	-4,18	0,49	2,20	10,59	7,82	2,49	5,55
Cova da Beira	0,52	-6,23	7,39	5,36	9,23	11,88	0,23	7,83

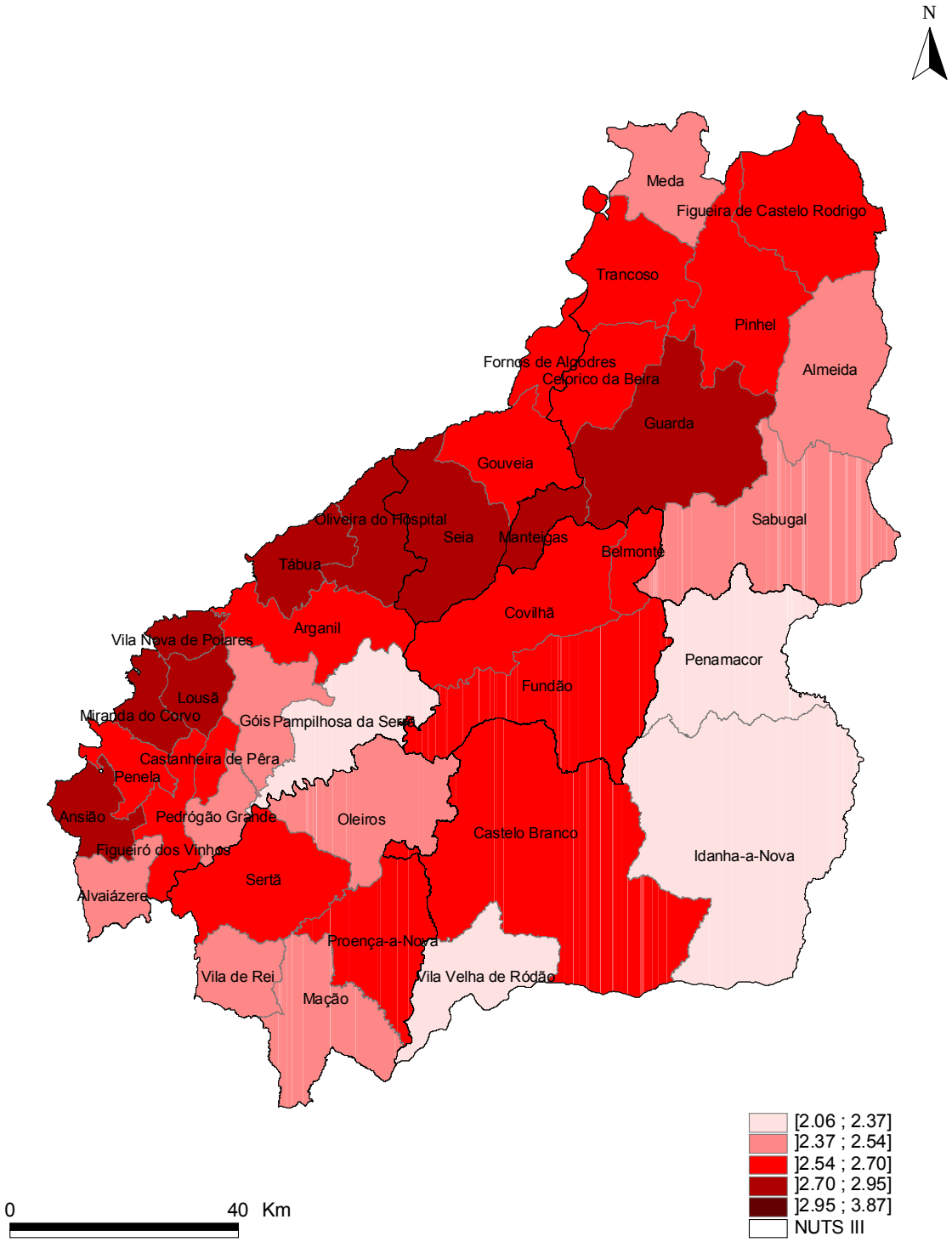
Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Se em 2001 ainda é possível encontrar uma clara dicotomia norte/sul, com as famílias do Norte interior de maior dimensão média, em 2011 esta é uma realidade que se esbate, mas não desaparece por completo, até porque há uma generalizada diminuição da dimensão média das famílias. As maiores dimensões, nesta última década, situam-se num núcleo a sul de Vila Real que junta Mesão Frio, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Moimenta da Beira, Tabuaço, S. João da Pesqueira, Sabrosa, Lamego, Sernancelhe, Penedono e de forma mais dispersa, a Norte, Murça e Chaves. No Centro são os concelhos mais próximos do Baixo Mondego cujas famílias registam dimensões médias mais elevados (Vila Nova de Poiares, Tábua, Oliveira do Hospital, Miranda do Corvo), a que se junta a Guarda e Vila de Rei, embora este último concelho deva ser considerado com especial atenção pelas razões anteriormente apontadas. A diminuição da dimensão das famílias nestas regiões do interior acompanha, portanto, a tendência que se vem verificando no todo nacional, fruto da quebra da fecundidade, a par do envelhecimento das estruturas etárias que seguramente os resultados deste censo virão confirmar.

No que diz respeito à variação dos edifícios e alojamentos, os cartogramas mostram uma relativa concentração, principalmente dos edifícios, nos concelhos com maior dinamismo (Vila Real, Lousã e concelhos circunvizinhos).

Figura 8

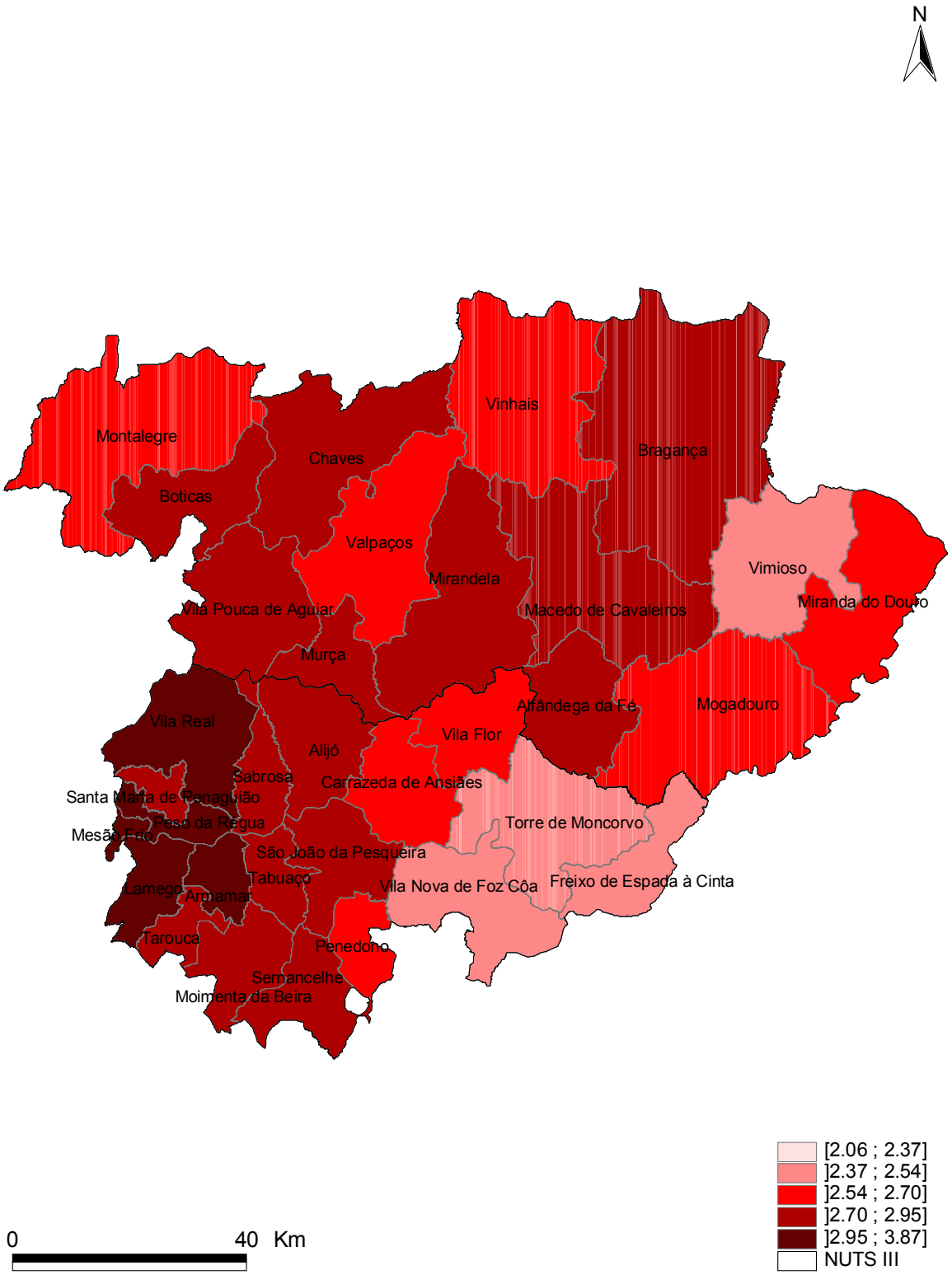
Dimensão média das famílias, no Centro em 2001



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 8 a)

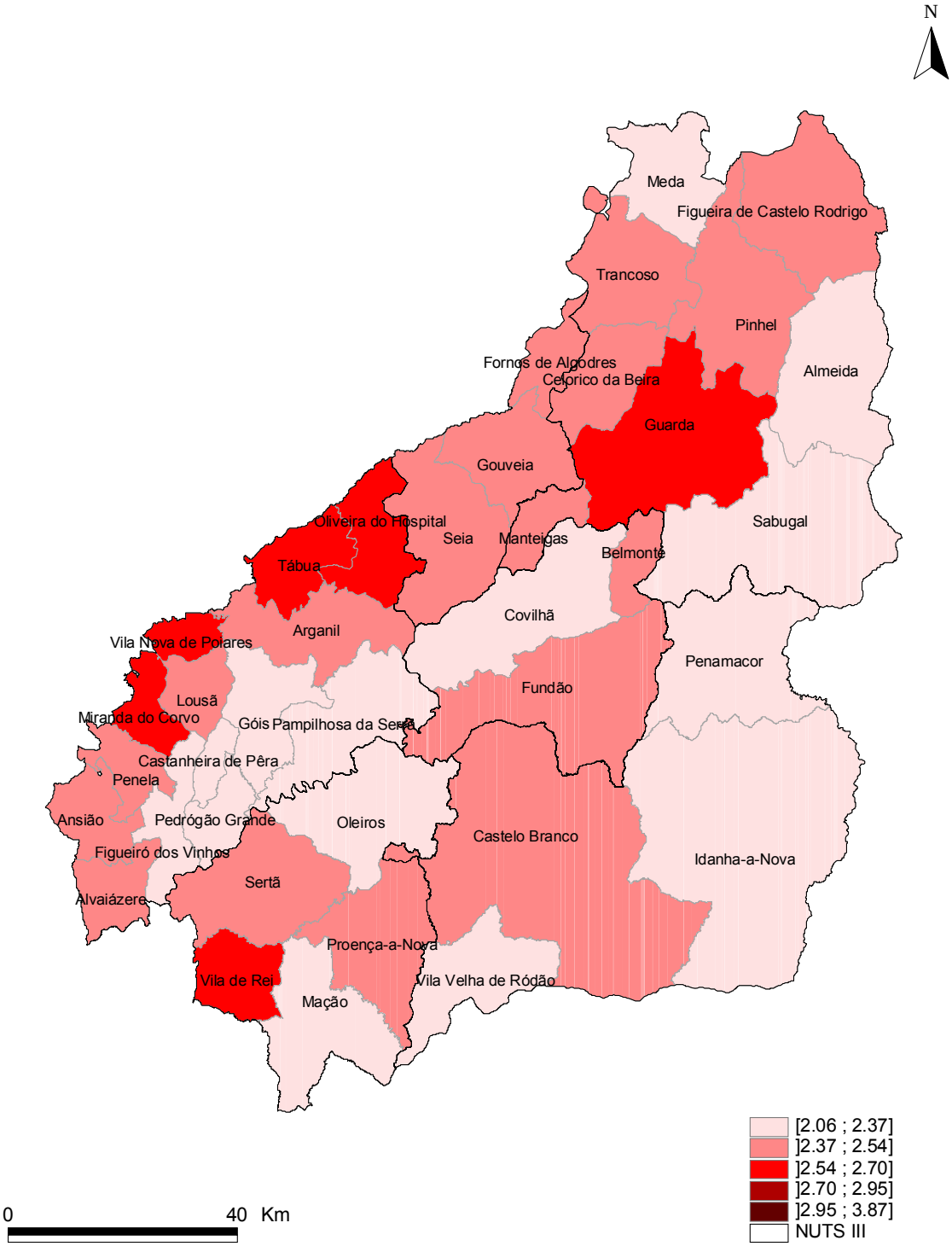
Dimensão média das famílias, no Norte, em 2001



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 9

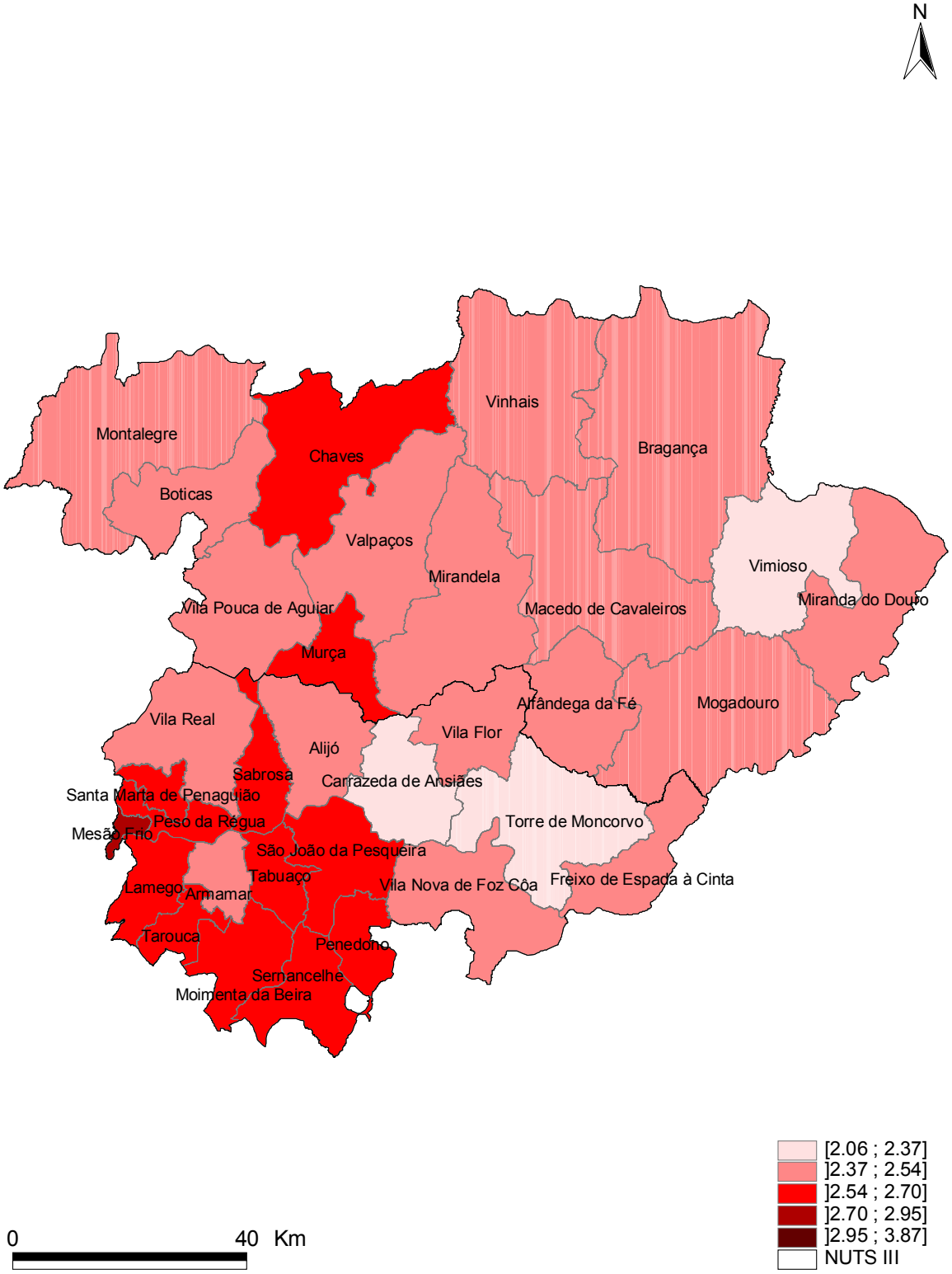
Dimensão média das famílias, no Centro em 2011



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 9 a)

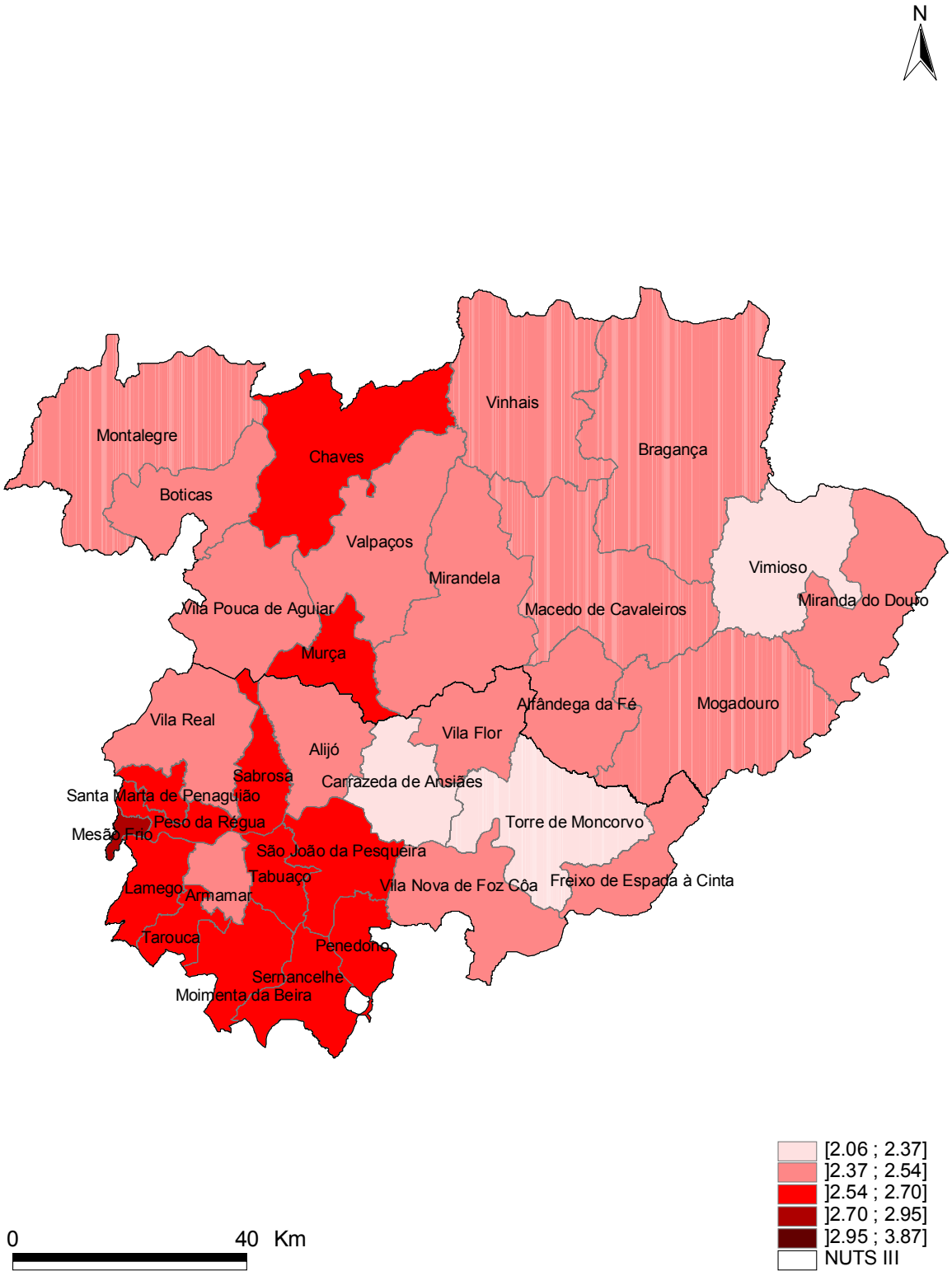
Dimensão média das famílias, no Norte, em 2011



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 9 a)

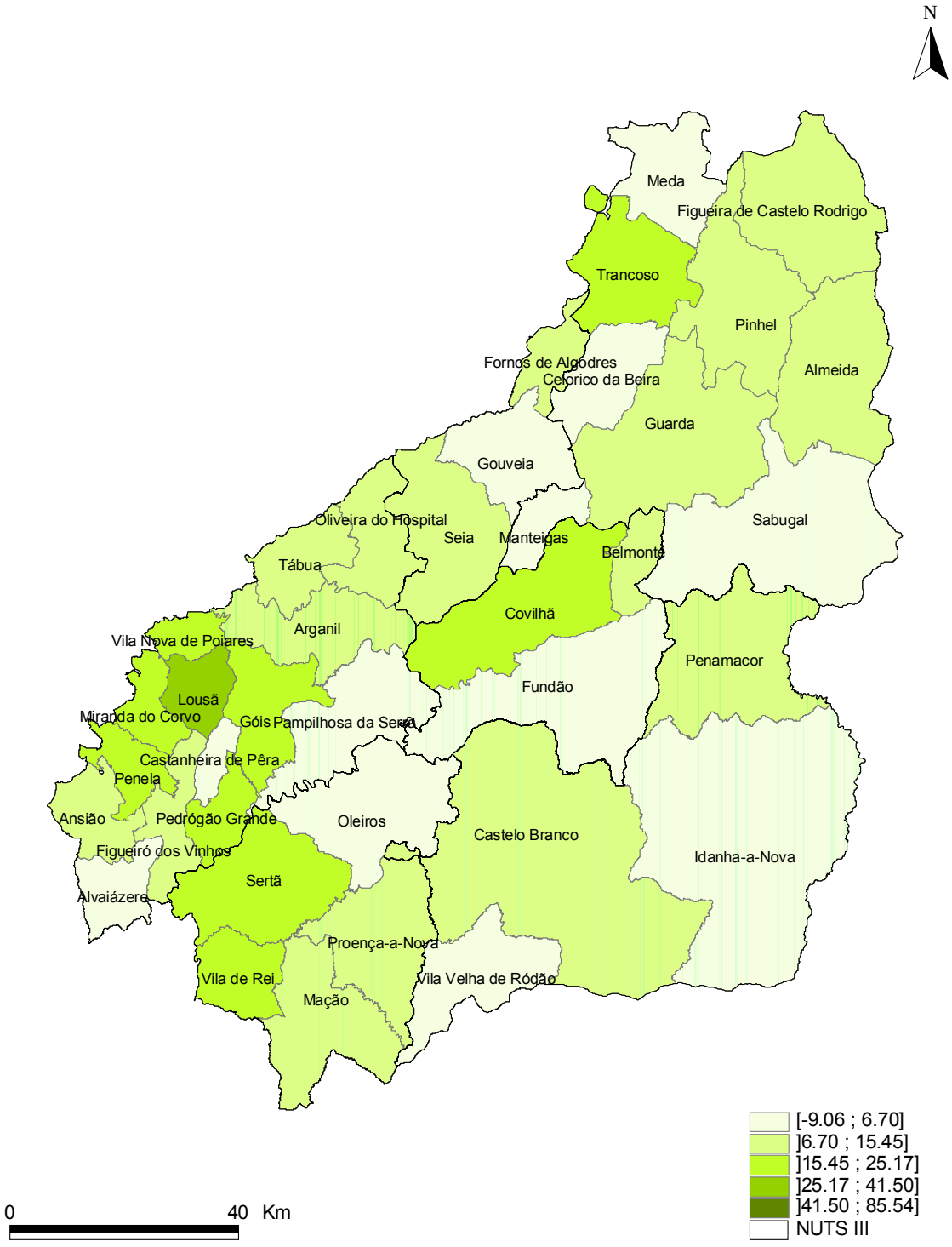
Dimensão média das famílias, no Norte, em 2011



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 10

Variação do número de alojamentos, Centro (%)



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

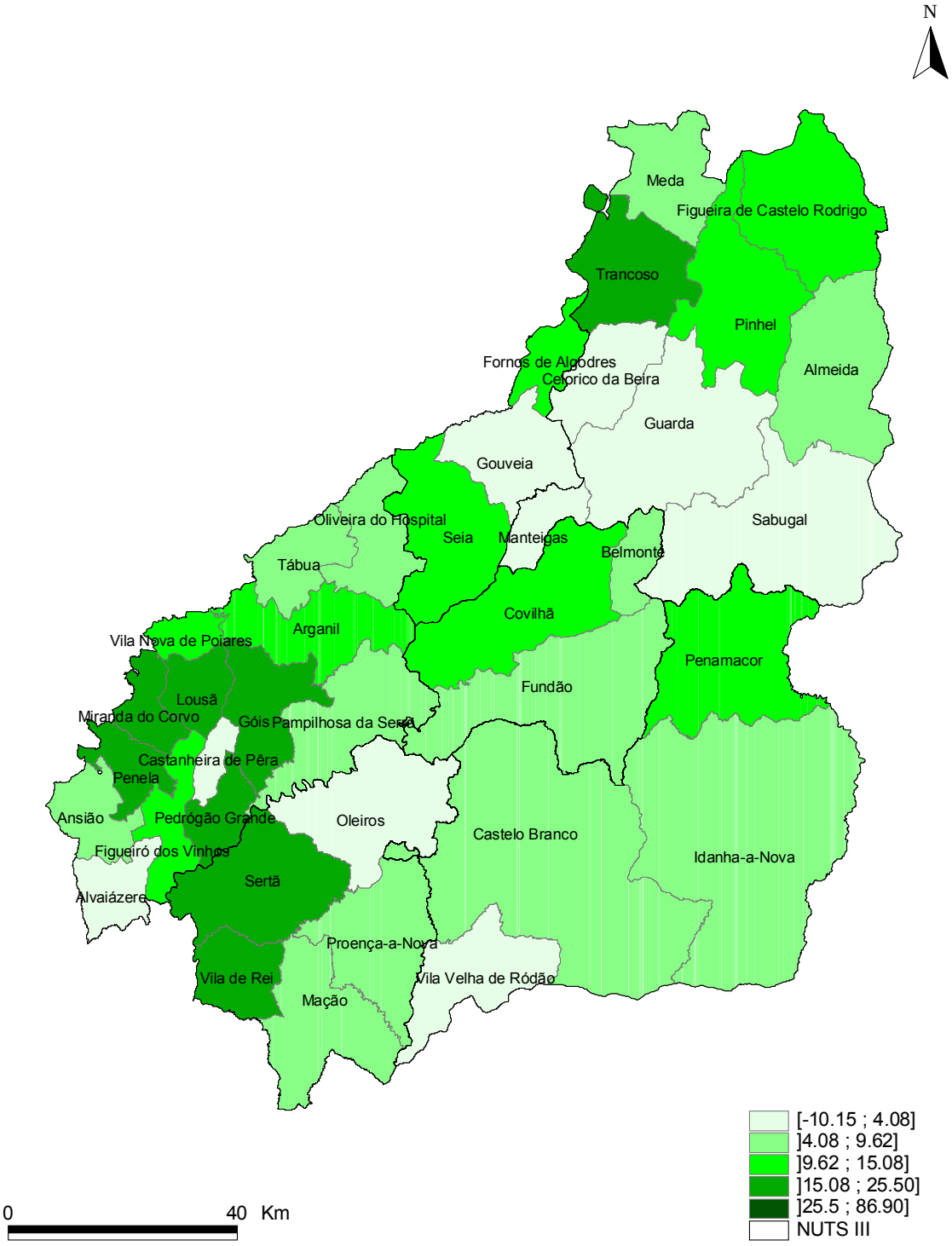
Figura 10 a)

Variação do número de alojamentos, Norte (%)

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 11

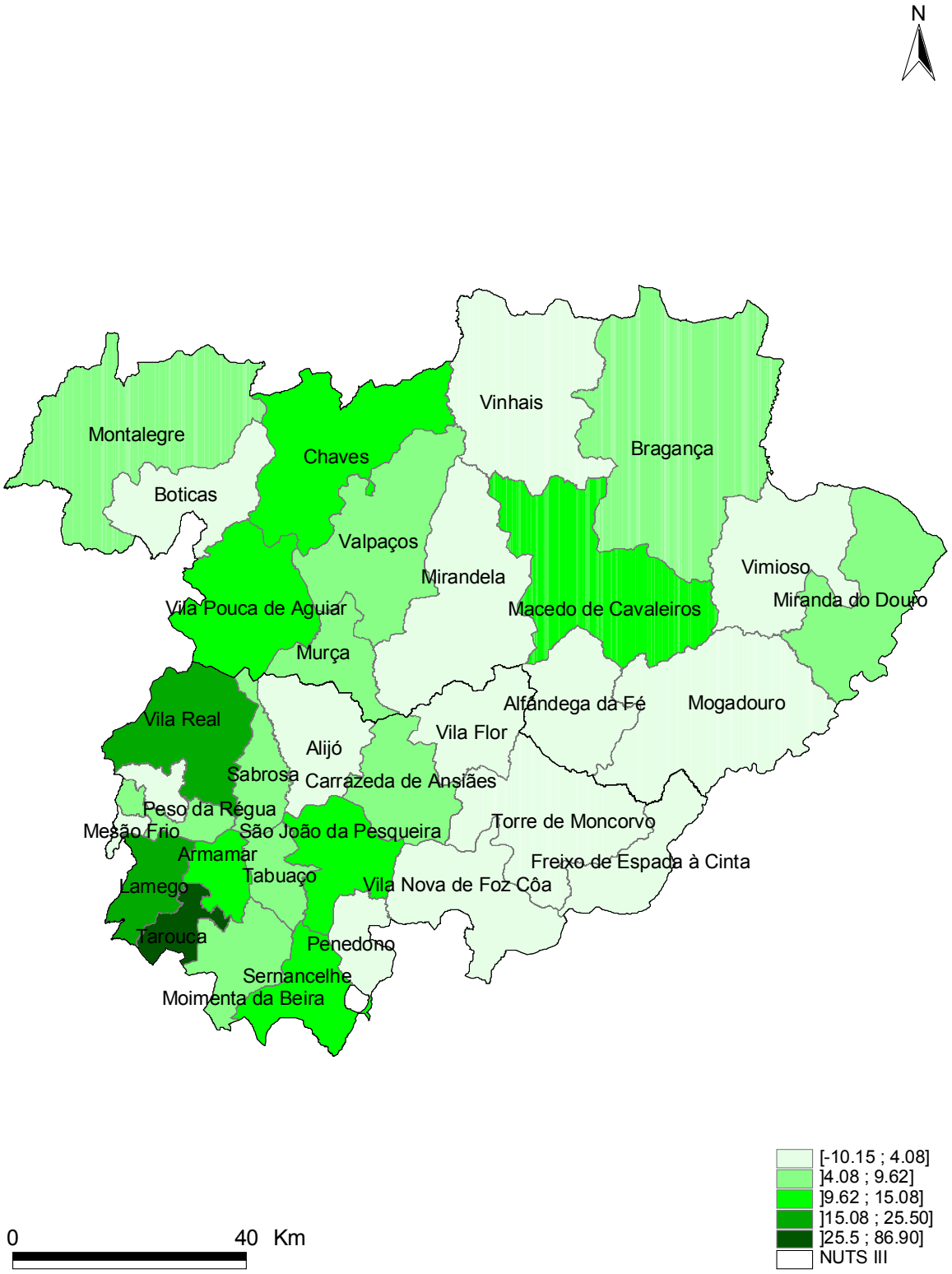
Variação do número de edifícios, no Centro (%)



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Figura 11 a)

Variação do número de edifícios, no Norte (%)



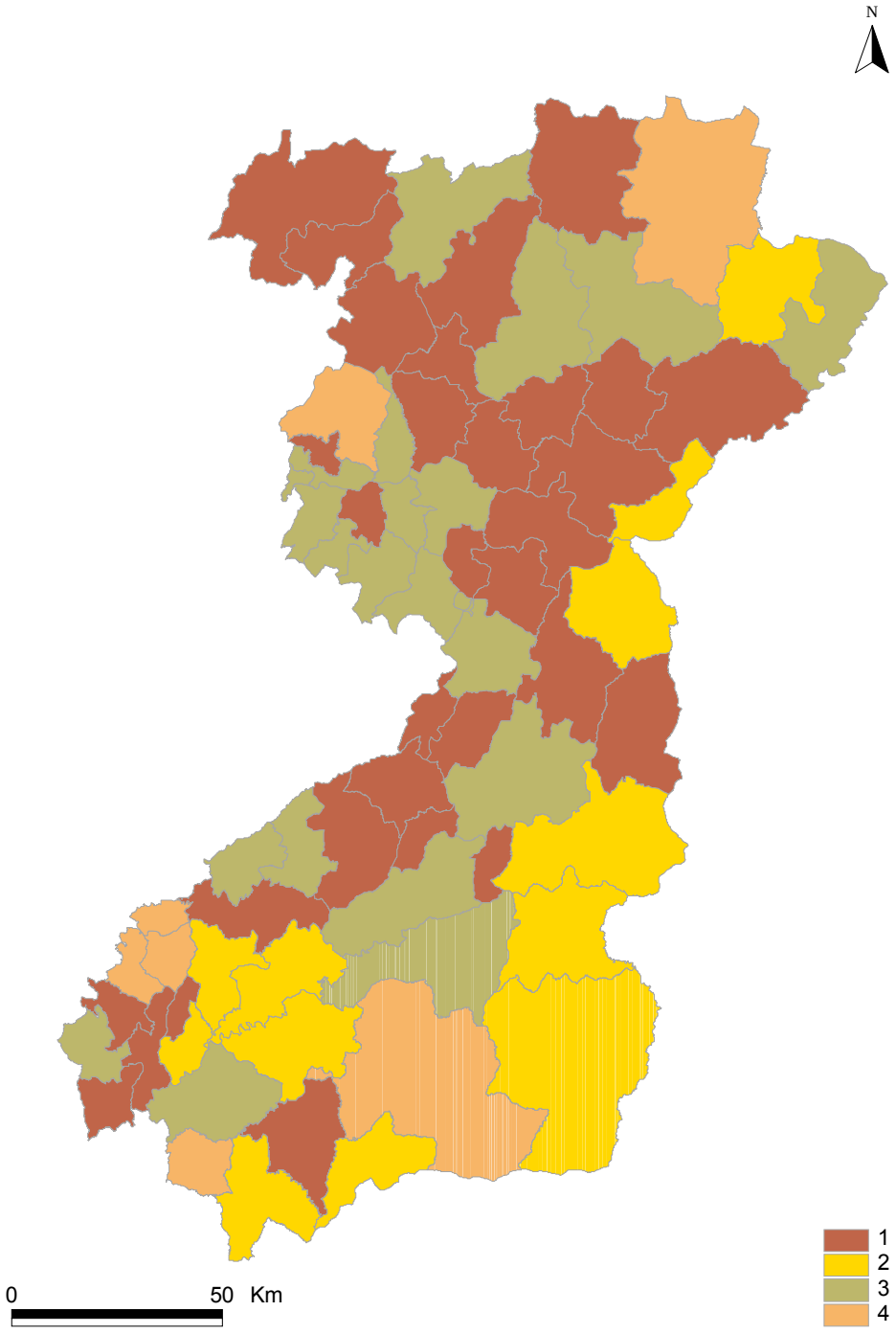
Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

3. (Des) Continuidades Demográficas

Apesar da progressiva uniformização de comportamentos demográficos que ressaltam destes primeiros resultados do recenseamento de 2011, subsistem, como temos vindo a sublinhar, algumas diversidades a uma escala de observação mais fina que importa precisar. Com este objectivo recorreu-se à análise de clusters, procedimento que nos permitiu detectar grupos homogéneos que partilham características semelhantes em relação a variáveis escolhidas (crescimento natural, migratório e efectivo), ou seja, distinguir as (des)continuidades que têm marcado a dinâmica demográfica do Norte/Centro interior nesta última década.

Figura 12

Clusters Norte Centro Interior



Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Preliminares 2011

Uma das primeiras conclusões prende-se com a concentração dos concelhos (cerca de 61%) nos grupos 1 e 2, identificados como sendo os mais recessivos.

O cluster 1, que junta 31 concelhos, é o mais acentuadamente recessivo, com grandes perdas de população que resultam da combinação de um crescimento migratório e natural intensamente negativos. Exemplo desta realidade é Armamar, o concelho com a taxa de crescimento efectivo mais baixa, -21,88%, de todo este território. Os concelhos deste cluster estão repartidos, de forma quase igual pelo Norte e Centro, numa linha relativamente difusa que avança em direcção ao litoral. O grupo 2, que agrega 12 concelhos, predomina no Centro, mais Freixo de Espada à Cinta e Vimioso, a Norte. Caracteriza-se por um crescimento efectivo e natural acentuadamente negativos, embora em alguns concelhos se registe crescimento migratório. É o caso de Freixo de Espada à Cinta (3,30%), Pampilhosa da Serra (3,16%), Pedrogão Grande (2,77%), Oleiros (0,18%), Mação (3,21%), Sabugal 81,07%), Penamacor (2,36%) e Vila Velha de Ródão (10,20%). Todavia, este crescimento não foi suficiente para compensar as perdas registadas no saldo natural do que resultaram taxas de crescimento efectivo que oscilam entre os -15,11% de Penamacor e os -9,23% de Freixo de Espada à Cinta.

O cluster 3 reúne 21 concelhos cujos comportamentos se revelam menos recessivos no contexto do interior. Embora tenham valores de crescimento efectivo e natural negativos, são valores menos intensos do que nos grupos anteriores (taxas de crescimento efectivo inferiores a -10%), além de que em alguns concelhos é possível observar saldos migratórios positivos (Mirando do Douro, Tábua, Ansião, Sertã e Trancoso). Com excepção de Miranda do Douro e de Chaves, que são concelhos fronteiriços, os outros formam uma linha com alguma continuidade mais próxima das NUTS III que formam o grupo do litoral.

Por último o grupo mais pequeno junta os 7 concelhos mais dinâmicos do Norte/Centro interior, ou seja, os únicos que na última década tiveram crescimento efectivo positivo, que decorre principalmente dos saldos migratórios, e aqueles que registaram menos perdas na dinâmica natural. Todavia, Vila Real e Lousã associam ao saldo migratório dinâmica natural, sendo mesmo os únicos concelhos, de todo o interior, que tiveram um saldo natural positivo (Vila Real, 0, 57% e a Lousã, 1,77%). Fazem parte deste cluster, os concelhos com cidades capitais de distrito, Vila Real, Bragança e Castelo Branco, ou aqueles que beneficiam da proximidade de Coimbra e de eixos viários, Lousã, Miranda do Corvo e Vila Nova de Poiares. Vila de Rei é, como já anteriormente dissemos, um caso atípico até pelo pequeno número de efectivos (registou um crescimento efectivo de 95 indivíduos).

Conclusão

Uma primeira observação decorre da divisão territorial utilizada que, como já salientou Cristina Sousa Gomes, permitiu detectar continuidades de tendências em regiões onde até agora estaria mais marcada a sua condição de interior e de litoral. Estas continuidades, nomeadamente no que diz respeito ao processo de perda de dinamismo demográfico, mostra como a linha que separa regiões é mais fluida, imprecisa em muitos em casos, com um interior que avança para o litoral, revelando novas realidades feitas de rupturas.

A tendência recessiva da maior parte das regiões do interior que já vem de décadas anteriores, principalmente as mais rurais, mantém-se, em alguns casos acentua-se, diminuindo o número de pólos regionais que actuavam como dinamizadores à escala local/regional, mesmo no caso de alguns centros urbanos de média dimensão. Num contexto de baixo crescimento populacional, os movimentos migratórios explicam quase todos os casos de crescimento efectivo, até porque o número de concelhos com saldos naturais é muito reduzido, apenas dois. Teremos que aguardar pelos próximos apuramentos de resultados para percebemos o significado e impacto destes saldos migratórios em regiões actualmente já com índices de envelhecimento elevados.

As configurações regionais que o censo de 2011 actualiza, mas que também reconfigura, sobressaindo alguma diversidade, ficarão mais perceptíveis com a ponderação da totalidade dos resultados deste censo em inter-relação com questões económicas e sociais resultantes de opções políticas, no que diz respeito ao planeamento e desenvolvimento regional.

Bibliografia

Bandeira, Mário. (2004). Demografia Objecto, teorias e métodos. Escolar Editora: Lisboa

INE. (1991). XIII Recenseamento Geral da População

INE. (2001). XIV Recenseamento Geral da População

INE. (2006) Documento Metodológico – Indicadores Demográficos. Disponível em http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos/

INE. (2011). XV Recenseamento Geral da População – Resultados Preliminares

Moreira, Maria João Guardado. (2009), " As divisões do território: das grandes permanências à modernidade" in Rodrigues, Teresa, Lopes, Baptista, João Teixeira, Luís, Moreira, Maria João Guardado (coord.), Regionalidade Demográfica e Diversidade Social, Porto, Ed. Afrontamento, pp.11-20.

Nazareth, J. Manuel. (1988). Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa.

Editorial Presença: Lisboa

Nazareth, J. Manuel. (2004). Demografia a Ciência da População. Editorial Presença: Lisboa